

... a cada passo.

Colóquio Internacional Género, Diversidade e Cidadania, Universidade de Évora, 1, 2 e 3 de Fevereiro de 2007

Ana Carina Vilares
Mestranda na Universidade de Évora

Na passagem dos dias 1, 2 e 3 de Fevereiro do ano de 2007, os claustros da Universidade de Évora deram lugar a um dos Colóquios mais inéditos da sua história. Primeiro, por ter sido um Colóquio Internacional pensado e levado a cabo pelas alunas do Mestrado em Questões de Género e Educação para a Cidadania, um *novum* nesta instituição pública e cujo acontecimento permitia dar conta do compromisso das alunas em relação a tais questões, mas, também e principalmente, por se tratar do primeiro grande investimento da Universidade de Évora nestas temáticas.

O Colóquio realizou-se com o apoio do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e do CIDHEUS, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, através do seu Núcleo de Estudos sobre a História das Mulheres, e também da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Esta iniciativa trouxe consigo alguns dos nomes mais sonantes da produção cultural nacional e internacional, para que pudesse realizar um dos seus objectivos mais prementes: discutir as temáticas transdisciplinares ligadas às questões de género, diversidade cultural e cidadania.

Um desses nomes foi, sem sombra de dúvida, o de Adela Cortina, ilustre filósofa espanhola especialista em Ética e Filosofia Política, igualmente, Professora Catedrática na Universidade de Valência, que através da sua comunicação de abertura, *Ética, Ciudadanía y Desarrollo*, nos adentrou no reconhecimento da Ética como dimensão incontornável para o desenvolvimento sustentável e para a construção de uma cidadania inclusiva. A consistência ética de uma cidadania capaz de empoderar os seres humanos na sua auto-realização pessoal e pública foi também o traço deixado por Manuela Silva, economista e presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz, e que, a par de Adela Cortina, nos legou a preocupação e o alerta para as questões do *empowerment* como condição de possibilidade de um desenvolvimento humano mais justo e, de igual modo, sustentável, capacitado a responder à pobreza como demanda e problema. Numa das vias abertas à reflexão, Marijke de Köning, investigadora da Fundação Cuidar o Futuro, criada por Maria de Lurdes Pintasilgo, e Alexandra Sofia Silva, da Rede Jovem para a Igualdade de Oportunidades entre Homens e Mulheres, lançaram o debate acerca da relação entre *Voluntariado e Cidadania* e de que modo a acção voluntária, comunitariamente entendida, pode dotar os grupos sociais de uma maior e mais cuidada sensibilidade moral, sempre atenta à realização de uma autêntica cidadania civil com «*cabeça, tronco e membros*». Para tal, é crucial o papel da educação e, nesse encaço, em conjunto reflectimos acerca das problemáticas da educação enquanto práticas de *empowerment* dos diferentes grupos sociais. O *Papel dos Manuais Escolares na Educação para a Diversidade* foi a Mesa Redonda que mais trouxe a lume, e de um modo literalmente ilustrativo, essa temática. Paula Botelho Gomes, Professora Associada da Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto, e Teresa Alvarez, mestre em Comunicação Educacional Multimédia a exercer funções na Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, souberam identificar os diferentes tipos de simbólicas discriminadoras e problematizar a sua eficácia na exclusão da vida social, sobretudo, no papel que essas simbólicas legam aos jovens de hoje, que, sem dúvida serão os adultos de amanhã, imbuídos na vida pública e, por vezes, avessos à questão da paridade entre homens e mulheres.

Reverter essa e outras perspectivas acerca da articulação entre a cidadania inclusiva, a participação política e a partilha do poder foi o papel de Maria do Céu da Cunha Rêgo, cuja comunicação «*A paridade como estratégia para a democracia*» foi lida por Conceição Nogueira e publicamente debatida, e do Professor Silvério da Rocha e Cunha, docente na Universidade de Évora e cujos «*Dilemas da Cidadania numa Era da Compressão*» abanaram as mais acanhadas concepções do mundo e da vida, sobretudo, ao nos fazer lembrar o colossal valor da universalidade em qualquer projecto humano, mau grado, assistir, vagamente esquecido, aos deslizos das democracias de cunho representativo. A igualdade e a sua decorrente universalidade deram, assim, o mote à repercussão das questões de género e da cidadania nas sociedades do Sul da Europa. Investigadoras ligadas aos Estudos de Género em Portugal e aos corpos redactoriais das Revistas *Ex*

aequo e *Faces de Eva*, como Helena Costa Araújo, Virgínia Ferreira e Zília Osório de Castro, fizeram notar a urgência de mais e melhores publicações de Estudos sobre as Mulheres no território português.

As sessões continuaram, contudo, sempre bafejadas pelos problemas sociais vividos e sentidos em Portugal, um país do Sul da Europa, que desperta circunstâncias de segregação no mercado de trabalho e na chamada flexibilidade do emprego, cujas relações de género daí advindas foram dilucidadas por Virgínia Ferreira, Professora na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, e por Sara Falcão Casaca, investigadora no Centro de Investigação em Sociologia Económica e da Organizações (SOCIOUS). Houve ainda tempo dedicado à Arte e à Literatura: «Arte e *Sofia* em Ingborg Bachmann – *Sofia* e Arte em Clarice Lispector», comunicação conjunta de Heike Schmitz e Fátima Mendes Romão, Professoras na Universidade de Francfort, supervisionou os percursos do discurso metafórico, ou seja, de um poder dizer eu no feminino, em ambas as autoras que, à vez, marcaram a história da Literatura do século XX; como o recorrido histórico da Arte em relação às imagens que conceptualizaram e ainda conceptualizam a figura feminizada das mulheres, trazido por Antonia Fernández Valencia, Professora na Universidade Complutense de Madrid, fez valer a convicção de que ainda há muito por construir e desbravar na luta pela igualdade entre homens e mulheres.

O tema *Concepções Filosóficas, Representações Culturais e Cidadania – em torno da Revolução Francesa* levou-nos a uma viagem sobre as limitações e os possíveis que a Revolução Francesa de 1789 legou especificamente às mulheres, através de três comunicações que, à vez, nos despertaram, de um lado, para a imbricação das questões de género com a história da cultura e, igualmente, de outro, para a sua imbricação com a estrutura e emergência de uma linguagem da liberdade, da igualdade e da fraternidade que, no entanto, afastou as mulheres do exercício de uma efectiva cidadania política e socialmente inclusiva. Nesse contexto, Fátima Nunes, Professora do Departamento de História da Universidade de Évora, deu-nos o exemplo de Carolina Michaëlis, uma personalidade feminina com um percurso académico como Professora e investigadora na Universidade de Coimbra bem sucedido e cuja história de vida nos deixa entrever um horizonte de produção justo e feliz para a conquista da liberdade e da igualdade entre os seres humanos no mundo. Por sua vez, as questões lançadas por Teresa Pinto, investigadora do CEMRI da Universidade Aberta, e por Rosa Cobo, Professora titular de Sociologia na Universidade de Santiago de Compostela, colocaram a premência de um incisivo debate acerca das relações de género e do tratamento das decorrentes categorias de dominação, domesticidade e patriarcado. O discurso dominante, referiram, deverá, assim, ser desconstruído e abrir às mulheres o espaço e o tempo público dos interesses comunitários da política e do trabalho, fazendo com que a configuração de uma autêntica sociedade civil promova, nas palavras de Fernanda Henriques, Professora da Secção de Filosofia do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora e coordenadora deste

Colóquio Internacional, «uma cidadania inclusiva que integre as mulheres como seres humanos de parte inteira e não apenas como cidadãs de segunda»¹.

O Colóquio terminou com uma Mesa Redonda dedicada à interacção entre *Género, Sexualidade e Direitos Reprodutivos das Mulheres*, um debate acessível, entre Gabriela Moita, Andrea Peniche e João Oliveira, que trouxe a lume algumas constelações de ideias a reflectir antes de um Referendo sobre a IVG que poucos dias depois se realizou no nosso país.

¹ Cf. PARDAL, Marina, «Colóquio Internacional – Questões de Género na Universidade de Évora», *Diário do Sul*, Évora, 12 de Fevereiro de 2007, p. 3.